

FONTE : Jornal do Brasil

CLASS. : Garimpo 47

DATA : 30 01 92

PG. : 7

Venezuelanos entram em contradição

CARACAS — Autoridades do governo da Venezuela entraram ontem em contradição sobre a derrubada de um Cessna brasileiro, no dia 16 passado. O ministro venezuelano da Defesa, general Fernando Ochoa Antich, disse, em entrevista, que o avião foi metralhado por fogo de terra, após o piloto ter se recusado a cumprir ordem de aterrissar. A secretária da Presidência, Beatriz Rangel, afirmou que houve "um lamentável erro", porque o avião a que o ministro se referira era dos Estados Unidos.

Em declarações ao jornal *El Universal*, o general Antich deu sua versão do incidente, no qual morreram o piloto José Xavier de Mendonça e um garimpeiro identificado como Moisés. "O avião estava no espaço aéreo venezuelano. Pedimos que se identificasse e ele não atendeu. Ordenamos que aterrissasse e não aterrissou. Por esse motivo disparámos e só então ele aterrissou", disse o ministro da Defesa.

O Palácio Miraflores, sede do governo venezuelano, desmentiu a versão do

general Antich. "Quero assinalar que as declarações do ministro da Defesa não se referiam ao caso do avião brasileiro", disse a secretária da Presidência. Segundo Beatriz Rangel, o avião forçado a descer pelos militares venezuelanos pertencia à DEA, agência do governo americano que combate o tráfico de entorpecentes.

O general Antich negou que aviões de caça tenham invadido território brasileiro na segunda-feira e feito vôos rasantes sobre a reservas dos índios ianomâmi, no estado de Roraima. Mas o comandante-geral da Aviação, general Eutímio Fuguet Borregales, admitiu que uma esquadilha de aviões Bronco OV-10 decolou da base aérea Major Luiz Apolinar Mendez, em Puerto Ordaz, "com o objetivo de apoiar operações especiais destinadas ao resguardo do país". Ele acrescentou que a base está localizada em posição estratégica para "proteger o sul do território nacional contra operações que afetem nossa soberania, tais como a presença de garimpeiros".

Garimpeiros serão expulsos

BRASÍLIA — O embaixador da Venezuela, Sebastian Alegrett, afirmou ontem que o governo de seu país não vai permitir a entrada de garimpeiros brasileiros, ou de qualquer outra nacionalidade, em território venezuelano, e prometeu que todos serão retirados. Alegrett afirmou que o governo venezuelano considera a entrada de garimpeiros de outros países como uma invasão de território e denunciou a existência de grupos organizados que incentivam estas invasões.

Segundo o embaixador, entre estes grupos está a União Sindical dos Garimpeiros da Amazônia Legal (Usagal), comandada pelo líder garimpeiro José Altino Machado. Ele denunciou a ligação desta entidade com o tráfico de ouro e "muito provavelmente" com o narcotráfico.

Os conflitos na fronteira ocorrem, segundo ele, não por causa dos governos dos dois países, mas por ações destes grupos que comandam os garimpos. "O garimpo é um crime, os garimpeiros são delinquentes e não vamos permitir que invadam nosso território", afirmou.

"A devastação que temos observado

em nosso território é assustadora e não podemos permitir isso. É uma invasão permanente e depredadora. Os pobres garimpeiros não são culpados, mas sim os grupos organizados que tiram vantagem dessa situação", avaliou. O embaixador classificou de mentirosas as denúncias de que quatro caças venezuelanos fizeram vôos rasantes sobre a reserva dos ianomâmis, como afirmou o presidente da Funai, Sidney Possuelo. "Essas versões são criminosas", disse.

Alegrett, mostrando fotos, disse que as únicas aeronaves de seu país que sobrevoam rotineiramente a fronteira dos dois países, sem atravessar para o lado brasileiro, são os pequenos aviões venezuelanos OV-10, que transportam apenas um piloto e um navegante e servem para tirar fotografias de áreas depredadas e localizar novas invasões de garimpeiros. Ele considerou uma bobagem o boato de que aviões venezuelanos haviam bombardeado ontem a reserva ianomâmi. "Não temos nenhuma intenção de invadir o Brasil", brincou.

Funai denuncia explosões

BRASÍLIA — Menos de 24 horas após a invasão do espaço aéreo brasileiro por quatro aviões caça da Venezuela, funcionários da Polícia Federal e da Funai denunciaram várias explosões de bombas próximas à região de Catrimani II. Segundo informações transmitidas por rádio à Polícia Federal e à presidência da Funai em Brasília, à 1h da madrugada de terça-feira, os moradores do posto da Funai, a 10 quilômetros da fronteira com a Venezuela, ouviram as explosões.

Após consultar os delegados federais em Boa Vista, o diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, foi informado que as explosões resultaram de uma operação do governo venezuelano para destruir pistas clandestinas de garimpeiros, nos mesmos moldes da Operação Ianomâmi, realizada no ano passado pelo governo brasileiro para desocupar a reserva indígena.

Militares do Ministério da Aeronáutica confirmaram os vôos rasantes dos caças da Venezuela. Desmentiram, porém, a informação de que os aviões feriam invadido espaço aéreo brasileiro carregando bombas. Segundo técnicos do ministério, os aviões Pilatos não carregam bombas. "Acreditamos que não tenha havido um ato deliberado por parte do governo venezuelano", afir-

mou o secretário de imprensa do Itamarati, Fernando Barreto. O Itamarati e o Ministério da Aeronáutica não estranharam o sobrevôo dos caças e explicaram que as invasões de espaço aéreo em regiões de fronteira na Amazônia ocorrem com frequência.

"Os aviões brasileiros também entram no espaço venezuelano por engano", comentou um assessor do Ministério da Aeronáutica. Na região, a fronteira é demarcada com marcos de 60 em 60 quilômetros. Os militares do Ministério da Aeronáutica acreditam que o governo venezuelano está desencadeando uma operação para proteger seu território da invasão dos garimpeiros. "Os garimpeiros têm interesse de provocar um conflito na região", avaliou um oficial do Ministério.

Os líderes do PTB, deputado Gastone Righi (SP), e do PDS, deputado Victor Faccioni (RS), querem convocar os ministros Francisco Rezek, das Relações Exteriores, e Sócrates Monteiro, da Aeronáutica, a depor no Congresso sobre o incidente com o Cessna. "Dá a impressão de que o governo brasileiro está omisso", queixou-se Faccioni.